

O QUE SERÁ QUE SERÁ? A PULSÃO À FLOR DA PELE



Flávia Bernardi¹
Paulo Fernando Monteiro Ferraz²

¹ Psicóloga, psicanalista e membro efetivo do CEPdePA.

² Psicanalista em formação, membro provisório do CEPdePA. Psicólogo clínico. Mestre em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS (ex-bolsista da Capes). Especialista em psicoterapia psicanalítica (Estudos Integrados de Psicoterapia Psicanalítica – ESIPP). Foi coordenador do curso de Psicologia da Faculdade FACTUM. Professor dos cursos de graduação em Psicologia e Enfermagem, de especialização, de extensão e dos cursos técnicos na Faculdade FACTUM. Foi um dos fundadores do curso de Psicologia na Faculdade FACTUM. Coordenador do Núcleo de Atendimento e Desenvolvimento de Ensino (NADE) da Faculdade FACTUM. Foi coordenador da Comissão Permanente de Avaliação (CPA) da Faculdade FACTUM. É coordenador da Oficina de produção psicanalítica e literária na Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul (SPRGS). Membro efetivo da Academia de Letras do Brasil (ALB). Membro efetivo da Academia de Artes, Ciências e Letras Castro Alves. Membro da Academia de Letras dos municípios do Rio Grande do Sul (ALMURS). Atende em consultório privado.

Enquanto Freud empilhava estudos, teorias e observações sobre as peculiaridades dos sujeitos e do mundo que os rodeia, também teve lampejos acerca da pulsão de morte presente no ser humano. Talvez o momento pós-guerra e a borbulhante Alemanha chamassem ainda mais a atenção de Freud para o regresso violento que as situações traumáticas produziam nos alicerces do psiquismo. Desde o início, ele sempre considerou a existência dessas forças contraditórias e paradoxais que dimensionariam o trânsito inconsciente. Sendo assim, cada vez mais a pulsão de morte foi ganhando (e exigindo) espaço em sua obra. Desde *Além do princípio do prazer* (1920) até *Construções em análise* (1937), Freud pensou, repensou e considerou cada vez mais o lado selvagem, incompreensível, inadmissível e desligado que está presente em todos nós.

De um ponto de vista econômico, a influência de Eros e de Thanatos sempre vigora na obtenção dos prazeres que advêm da alteração das realidades internas e externas. Filho do Caos e da Noite, Thanatos provoca tumulto e extingue a lucidez daqueles que, por algum motivo ainda secreto, são tomados pela obsessiva tendência ao aniquilamento pessoal. A “existência” insuspeita de Thanatos – como pináculo da pulsão de morte – nos é revelada a partir de condutas antitéticas que visam ocultar e mostrar a um só tempo os desejos proibidos ou ligados a uma espécie de tabu.

Para dar materialidade ao conceito de pulsão de morte, encontramos Joana e os *sketches* de sua história. Mediada por nossas vozes, a personagem emprestou o corpo, a alma e o sangue a fim de conceder vida às linhas que se sucedem. Em meio às desventuras, Joana buscava o nome daquilo que a consumia à revelia. A pulsão de morte tem muitas formas de se fazer conhecer: uma delas está nas metáforas dos atos e das escolhas.

À FLOR DA PELE: O QUE SERÁ, JOANA?

A imagem em comunhão com a escrita de Joana chegou primeiro por *WhatsApp*. A foto, possivelmente ambientada em seu quarto, mostrava as costas nuas e tatuadas de uma jovem mulher. Lançava um olhar provocante e algo inquisidor a quem a flagrasse daquele jeito. O contato telefônico trouxe mais elementos sensoriais às lacunas já existentes. As partes que ainda não compunham um todo começaram a se mesclar e a criar um simulacro de Joana. A imaginação corria para montar o perfil dessa cativante desconhecida. A voz suave do outro lado da linha parecia ter comprovado uma hipótese, a de que ligariam para ela. Aceitou o primeiro horário sugerido: não por imediatismo infantil, mas por pura necessidade mesmo. Talvez tenha querido agarrar a brecha para que algo em seu estilo de vida emergisse de outra maneira. Pensando agora, é como se uma potência quisesse se desenhar para poder, depois de inscrita, ser acolhida e decifrada.

Chegou atrasada. Disse que morava longe. Sentou-se à poltrona, abanando-se com uma das mãos. Sacou da bolsa um lenço e o passou na testa porejada de suor. Por fim, antes de falar, tomou um generoso gole de água da garrafa estilizada com a estampa de bolinhas em preto e branco. Parecia que Joana havia se preparado para aquele momento. Estava maquiada e perfumada. Nada exagerado. Mostrou-se tensa, como se estivesse transgredindo um limite incógnito e definido por ela mesma. “Eu quero me matar” – são as palavras que inauguram o arremedo de sessão. E continuou: “Sinto-me morta há tempo. Não vejo sentido em viver. Passo dias deitada. Estou sempre doente e sem ânimo”. Era uma moça bonita, sensível e convicta do que afirmava. O que compartilhava destoava de sua aparência colorida: seus braços eram totalmente tatuados. Os matizes doloridos vinham à tona. Depois que Joana deu voz ao desejo de morrer, começou a chorar. Foi um choro demorado, contido, porém genuíno. Ao invés de descartar na lixeira os despojos de sua tristeza im-

pregnada nos lenços de papel, preferiu amontoá-los no colo, à maneira de esculturas que encenavam um drama. A partir disso, vieram à cabeça as figuras petrificadas de Pompeia. Ao sair, deixou os lenços “esculpidos” pelo fluxo dos desgostos orgânicos em cima da mesa.

Mesmo no silêncio do consultório, alguns ecos do que foi abordado ainda duravam, ricocheteavam e ficavam impregnados nas poltronas e no divã. Joana se fazia presente em plena ausência: a intensidade de suas vivências parecia se adensar pelos espaços e pelos sentidos. Em meio a isso, a canção *O que será? (à flor da pele)*, de Chico Buarque, passou a ser trilha sonora das sessões e, também, dos intervalos entre elas. O que será que será que se manifestava tão incompreensível e intensamente naquela jovem?

II

*“O que será que me dá
Que me bole por dentro, será que me dá
Que brota à flor da pele, será que me dá
E que me sobe às faces e me faz corar
E que me salta aos olhos a me atraiçoar
E que me aperta o peito e me faz confessar
O que não tem mais jeito de dissimular
E que nem é direito ninguém recusar
E que me faz mendigo, me faz suplicar
O que não tem medida, nem nunca terá
O que não tem remédio, nem nunca terá
O que não tem receita”
(Chico Buarque)*

Há mais de um ano, ela saía e deixava os lenços usados sobre a mesinha auxiliar. Às vezes, formava massas significativas, semelhantes

a um amálgama; noutras, apenas dois ou três montículos encharcados de muco e lágrimas. Continha ali os desalentos e as desgraças? Joana deixava naquele ambiente, que vinha se tornando seguro e confiável, toda a vontade de morrer. Era apenas ali, segundo ela, que o imponderável e o abstrato ganhavam o contorno das palavras. Com os olhos ainda marejados, dirigia-se à porta e, sem disfarçar, mirava de forma fixa a pilha de lenços amassados. Aquele olhar era o mesmo que os atores desferiam ao se despedir dos familiares nos filmes ambientados em uma estação de trem ou em aeroportos, por exemplo. Joana girava o corpo, como se fosse voltar e, por alguns segundos, parava. Dava a impressão de que estava prestes a formular algum pensamento.

Um dia, a pergunta pareceu oportuna: “O que pensas, na saída, quando olhas para trás? Parece algo que atrai todos os teus sentidos”. Joana piscou devagar e – como se estivesse debruçada sobre um baú de quinquilharias, procurando algo específico – custou a falar. Após quase um minuto, respirou fundo e respondeu que tinha a sensação de, a cada vez que cruzava o umbral da porta, deixar ali alguns pedaços, partes parecidas com névoas, que iam tomando forma à medida que as palavras saíam-lhe da boca. E arrematou: “Assoo o nariz, seco as lágrimas, a transpiração da testa, amasso o lenço com as mãos suadas e vejo nascer a matéria das minhas tristezas, dores, lamentos e desejos de fuga. Enxergo ali partes minhas ganhando forma, partes que têm forças desconhecidas, inadmissíveis... Não sabia, até então, de nada daquilo. Ao menos não tão claramente como quando eu as transformo nesses líquidos todos. Os lenços parecem ser o efeito do que trago dentro de mim. Olho pra eles numa espécie de reconhecimento e também de despedida. Deixo aqui, amontoadas sobre a mesa, as partes mortíferas e estranhas de mim mesma”.

Nesse método de acessar os labirintos do inconsciente através da fala endereçada à escuta do psicanalista, são reconhecidas as determinações e os efeitos da marcha das intensidades pulsionais que afluem

para as ações. Pode ser algo estrondoso, mas também discreto. Há sutilezas que facilmente podem passar despercebidas, tanto para o sujeito da ação como para quem assiste ou escuta tais manifestações.

III

*“O que será que será
Que dá dentro da gente e que não devia
Que desacata a gente, que é revelia
Que é feito uma aguardente que não sacia
Que é feito estar doente de uma folia
Que nem dez mandamentos vão conciliar
Nem todos os unguentos vão aliviar
Nem todos os quebrantos, toda alquimia
Que nem todos os santos, será que será
O que não tem descanso, nem nunca terá
O que não tem cansaço, nem nunca terá
O que não tem limite”
(Chico Buarque)*

Joana era branda nos modos. A delicadeza e a languidez adornavam toda a sua mímica corporal. A fala e os gestos, dotados de sofisticação, eram facilmente confundidos, para quem os flagrasse, com polidez e boas maneiras. Mas essa doçura toda, tão exaltada pela família, parecia encobrir a natureza incivilizada de Joana. Imersa em solidão, adotava, em momentos de extrema angústia, a prática de se cortar. O ritual começou na puberdade como uma via de escoamento dos tormentos que a enlouqueciam e não tinham voz. A visão do sangue anestesiava as tensões que irradiavam da alma até à pele. A Joana cristalizada na infância gritava ou gemia através das feridas. O que os lábios omitiam e ocultavam, as chagas, metáforas da boca e da vagina, escancaravam.

Tais recursos, ainda silenciosos, estavam à procura de quem os arrancasse do torpor e da mudez. Enquanto isso, Joana “falava” pelas feridas: o sangue que manava era um alfabeto primitivo que cintilava pesares. Os fantasmas – a Joana do passado em conjunção ou combinada com o abusador sem rosto – vinham se alimentar do presente da analisanda.

Por que se valer de tal suplício? Para amansar a selvageria do juízo que a condenava pelo fato de ter sentido, em meio ao medo e ao pavor, prazeres obscuros. Além disso, ela, em sacrifício no altar das paixões, lutava com a representação do objeto predatório que continuava a dominá-la pelas entranhas. Lidar com essa ameaça incorporada em modos de representação psíquica exigia diplomacia: havia a parte que se submetia aos incessantes martírios, enquanto a outra se rebelava e protestava. O corte na pele, a cesura, era o símbolo da fragmentação que comportava *duas Joanas* em um só corpo: a penitente que reivindicava cuidados e a que flertava com o perigo e ignorava as consequências. Quando derramava o sangue em oferenda ao carrasco que portava em si, depurava um pouco as mazelas que a aturdiavam e evitava, em fantasia, que novos tormentos recaíssem sobre ela. A identificação com o agressor que morava em suas carnes gerava uma espécie de afeição ao intruso. Ela hospedava o agressor que ainda a invadia e, diante da iminência dos reiterados ataques, defendia-se de fora, revezando-se com a tesoura ou com o estilete.

Durante os abusos, Joana *desligava* as inervações do corpo. A corrente de sensações se suspendia e, à semelhança de um coágulo, acavalava-se em alguma dimensão em que tais terrores se tornavam mais toleráveis. Essa mecânica voluntária de ruptura com a realidade a protegia de sofrer maiores danos, já que o oponente não encontrava resistência à satisfação animalesca de seus impulsos. Joana contava que, para “não se perder totalmente”, fixava o olhar no espelho do quarto. Ali, de outra perspectiva, quem sofria *não era ela*, mas sim a gêmea virtual. Ao se ludibriar, a Joana, cheia de graça e purificada, ficava à

margem de toda aquela estética de podridão que desfilava à sua frente. Mudava de posição e de lugar: já não era mais a vítima dos maus-tratos, mas a que testemunhava e assistia alguém que merecia a punição. Presa em um mundo especular, a Joana que sofria se reduplicava ao infinito e tentava, ao se expandir, comunicar-se com a Joana preservada das bestialidades que a rondavam. Quando percebia em si o lamento da gêmea especular, o seu avatar, não suportava a carga da lucidez e, para se “desintegrar” ou para se apartar desse furor que clamava por justiça, começava a se lanhar. Temos aí uma clara demonstração da cisão do eu.

Essa interpretação está grávida de outra dinâmica também. O estilete cravado na pele casta reprisava a narrativa prenhe de excitação perante o horror de ser violada. A soma de novos traumas (concretos, literais) aos antigos (fantasmáticos, anímicos) restaurava o circuito que consistia em, ativamente, restaurar a virgindade e perdê-la. As incisões e as subsequentes cicatrizações davam a falsa impressão de romper e de reparar o hímen perdido. Às vezes, em um ímpeto masturbatório, arrancava a crosta das feridas e deformava ainda mais as camadas da pele. Esse tique, chamado de dermatilomania ou *skin picking*, desapareceu no transcorrer da análise.

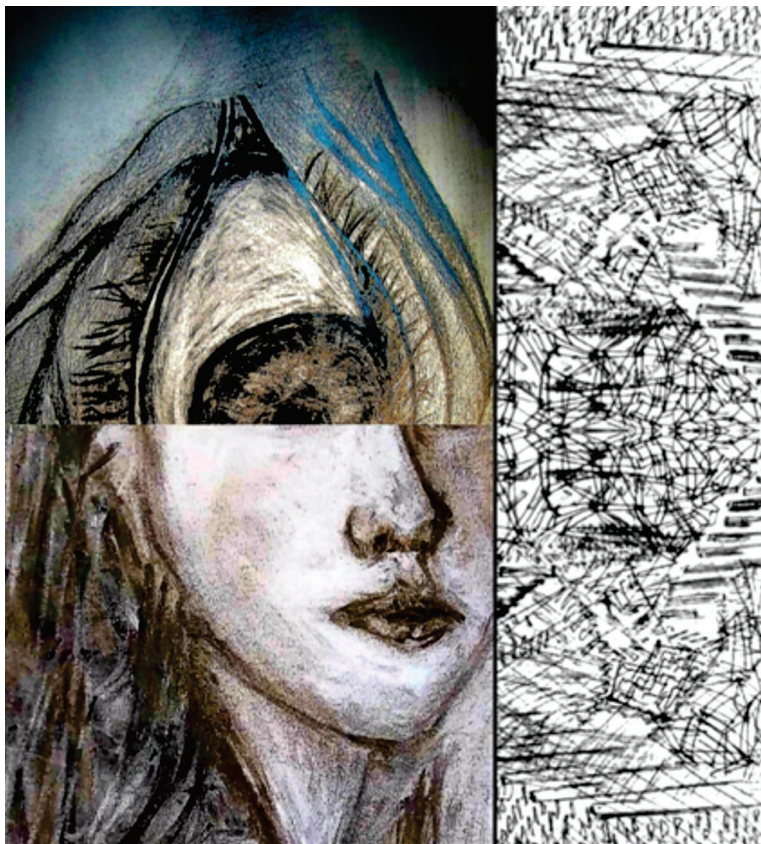
Joana escolheu disfarçar as cicatrizes e escarificações com tatuagens. Acobertar com nanquim a tagarelice das feridas reais e psíquicas foi uma solução dolorida. Ela sabe o que escondem e que significados têm. Algo ainda pulsa ali. As tatuagens não foram a panaceia redentora das lembranças perturbadoras de uma época crivada pelo desamparo. Aos poucos, o caos que reinava no campo analítico começou a se dissipar e alguns gritos abafados, emanados das tatuagens, foram amplificados. Joana, sem ter premeditado, fez do *corpo-tela-em-branco* um mapa que sinalizava onde havia sido tocada pelo seu algoz. Cada tatuagem marcava o percurso das preliminares e culminava no púbis.

Na sessão, ela fitava as filigranas espalhadas pela tez e lembrava o porquê de tê-las criado: “São marcas de raiva, de uma guerra trava-

da dentro de mim”, explicava. Joana procurou plasmá-las no lugar das faltas e das ausências de olhar dos pais em relação às suas demandas. A história em torno do abuso vivido e sofrido se converteu em segredo. No entanto, a força de tal vivência ainda continuava a lastrear e a se repetir com diferentes personagens e contextos. As tentativas frustradas de auferir resultados opostos aos já experimentados na carne trouxeram Joana à análise. Agora, ainda como na infância, a cobiça e a gula dos homens pelo sexo transportam-na a um estado de apatia. Por se sentir assolada e molestada por predadores, optou por namorar garotas. O prazer extraído no ato sexual se concentrava no domínio da parceira: Joana conduzia os ritmos e as variações de um roteiro que a deixava segura. Ao assumir a ilusão de controle e soberania sobre o outro, talvez encarnasse o papel ativo daquele que a introduziu e a inaugurou, contra a vontade e precocemente, no mundo da sexualidade dos adultos. Tomava as namoradas à maneira de espectros do passado e encenava enredos em que triunfava e as submetia aos seus caprichos. Elas eram a frágil Joana da infância, enquanto a Joana em si se apossava do *ethos* traiçoeiro e feroz do verdugo que ainda é o diretor do teatro de atuações da analisanda. Apesar de chamar muito a atenção pela aparência, Joana dizia que não gostava que a observassem. Preferia passar despercebida na rua, nas festas e nas demais interações sociais. Ao ser indagada sobre os motivos, aludia ao fato de sempre captar o desejo flamejante no olhar das pessoas. Era como se estivesse rodeada por homens e mulheres à espreita da brecha para devassar-lhe a intimidade. Não queria ser pega de surpresa: andava sempre vigilante e defensiva. Ao analisar tal sensibilidade, a florada pela suposta admiração alheia, veio à tona a hipótese de que o próprio desejo de ser maltratada, aviltada ou humilhada fosse inoculado no olhar do outro. Surgiu a faceta masoquista de Joana. No curso das associações, comentou que, cansada das relações sexuais com mulheres, em função das limitações anatômicas, arranjou como namorado um homem figadal, que, desde o início,

inflamado pelas drogas, não media esforços para deixá-la aterrorizada. Sim, o clima que vigorava era o da iminência de uma catástrofe. Joana, assim como a mãe, apanhou bastante. Esse apetite pelo sofrimento parece uma herança macabra. À semelhança da mãe, que foi também alvo de sevícias na tenra idade, Joana cumpre o mandato (in)consciente de ser a epítome da dor.

Desenho 1 - A menina dos olhos



Fonte: elaborado por Paulo Fernando Monteiro Ferraz (2020)

Mais uma vez, a arte se oferece como artifício útil para tentar compreender as vivências e revivescências dos sujeitos. Marina Cola-

santi (1993), em sua poesia *Hematoma da infidelidade*, parece “tatuá-lo” no ar um significado mais legível da trama familiar recebida por Joana:

Tenho um coágulo na alma
sangue preto pisado
que amor nenhum dissolve.
Pertencço à eterna estirpe
das traídas
mulher que tece e fia
enquanto o macho
entre as coxas de outra
afia mentira e gozo.
É sempre o mesmo macho
sempre o mesmo percurso.
Nenhum me foi fiel
a mim a minha mãe
minhas irmãs.
E nenhuma de nós
soube achar o caminho
que sem sair do amor
conduz à indiferença
(COLASANTI, 1993, p. 81).

A pulsão de morte, apesar de desligada, correspondia a um “coágulo” que travava ou retardava o fluxo psíquico. Nessa saga, lembrada pouco a pouco ao longo da análise, as ligações dos afetos e das ideias se processavam.

Joana intuía o elo identitário e familiar que a unia às mulheres compromissadas com a miséria pessoal. Começava a perceber o quinhão de infância que rompeu a membrana temporal, se alojou no presente e contagiou o germe do futuro. Um trauma que continuava a se assenhorear de sua existência. A lembrança dos abusos ou parte

dela, obscurecida e reconstruída pela plasticidade das fantasias, redemoinhava os pensamentos e insistia, de forma fantasmática, em se reproduzir. A Joana do passado veio à procura de interlocutores que a ajudassem a ler e a reescrever os trechos borrados, rasurados ou até mesmo apagados da história que lhe coube viver. Essa personagem, ainda ambivalente, mantinha-se sob o jugo do tirano que a seduzia, a encantava e ao mesmo tempo a repelia e a levava à danação. Ao provar o gosto das lembranças, enojava-se; outras vezes, deliciava-se e até acreditava que o abuso tivesse sido uma punição reiterada, algo que pudesse purgar um crime que não sabia se cometera ou não. A oscilação entre tais arbítrios – o de ser meritória das desgraças que lhe coroavam de azedume e o de ser vítima de tragédias impensadas – fazia com que Joana vivesse dividida. Aparecia a que achava que tinha gostado dos abusos e a que abominava tudo que derivasse daí. Para suspender tal dubiedade, Joana cogitava o suicídio. Queria morrer para, paradoxalmente, livrar-se dos monólogos internos que insistiam em temperar todos os vínculos com os ingredientes indigestos do passado. “Não sei se quero morrer. Mas há algo que não sei lidar e que fica à flor da pele”, acrescentou no fim da sessão. Depois, Freud (1901, p. 182) veio ao socorro: “[...] a tendência à autodestruição está presente em certa medida num número muito maior de pessoas do que aquelas em que chega a ser posta em prática; os ferimentos auto-infligidos são, em geral, um compromisso entre essa pulsão e as forças que ainda se opõem a ela.”

A despeito de originais e fundadores, os desejos dos pais de Joana se inscreveram, ao mesmo tempo, como destrutivos e mortais, já que arruinaram a possibilidade de que enxergasse a vida e se apropriasse dela através de todos os seus sentidos. Tem gente que anda pelo mundo dentro de uma *cápsula-corpo*. Ficar encapsulado no desejo de outro impediria que novas ligações vitais fossem feitas. A condição de emergência da singularidade depende da qualidade dos contatos estabelecidos

com os objetos. A singularidade necessita da coletividade e da cultura para nos garantir a assunção e o *status* de ser para si e para os outros. Ao menos sobrava a possibilidade de Joana chorar as dores e vê-las no aglomerado disforme dos lenços, que, de certa forma, eram a forma mais verdadeira dela.

IV

*“O que será que me dá
Que me queima por dentro, será que me dá
Que me perturba o sono, será que me dá
Que todos os tremores me vêm agitar
Que todos os ardores me vêm atizar
Que todos os suores me vêm encharcar
Que todos os meus nervos estão a rogar
Que todos os meus órgãos estão a clamar
E uma aflição medonha me faz implorar
O que não tem vergonha, nem nunca terá
O que não tem governo, nem nunca terá
O que não tem juízo”
(Chico Buarque)*

Obstinada e temerosa, Joana vinha às sessões retocar os dramas que tatuaram sua alma. Queria, mesmo com todas as resistências, acertar as contas com o pretérito que transcorria no presente. Almejava se conjugar de maneiras prósperas aos outros. O grito, cuja fonte provinha da infância, ainda reverberava e tumultuava sobremaneira a atualidade de Joana. A análise era o simulacro do corpo materno ou paterno que abrigava o que existia de mais arcaico no psiquismo. A escuta dos tons desse “grito” podia orquestrar e aflorar a harmonia retida no padecimento. As intervenções subseqüentes eram melodias que, em conjunto,

se imiscuíam às músicas – a de *ninar-morrer* e a de *viver-amar* – que tomavam conta de Joana. A repetição, o ritornelo dos conflitos e das satisfações parciais, estava mancomunada com a neurose. A sensação de pasmeira, de estagnação e de esterilidade perante as urgências de existir apontava a tendência a eliminar ou a evacuar as quantidades e as tensões. Talvez o reiterado gozo masoquista do trauma em torno do abuso fosse como um sonho de angústia que se proliferava e atraía para si novas personagens à cata de um desfecho diferente do já conhecido. As principais ilustrações da compulsão à repetição, em *Além do princípio do prazer* (1920), são os sonhos traumáticos de repetição dos que sofreram os efeitos da Primeira Guerra e, também, o “*fort da*” do neto de Freud, que, na brincadeira com o carretel, replicava os movimentos de ausência e presença da mãe. O neurótico (re)vive na transferência analítica os impactos da repetição.

Para Freud (1920), a repetição do recalcado – e de outros sintomas – ao mesmo tempo que produz a satisfação pulsional, também se mostra desagradável para o Eu (enquanto instância que recalca). Joana e seus embates psíquicos, suas dualidades e ambivalências apresentadas na prática, abriam cada vez mais um questionamento teórico: cada sistema, do recalcado e do recalcante, teria o seu próprio princípio de prazer? A gratificação oriunda de um deles se daria de modo automático, enquanto vigoraria o desprazer em outra? O deleite de um é a indignação do outro?

Joana e a pilha de lenços empapados de agonia, as tatuagens sob as mangas da candura, as arapucas domésticas, em que sempre se via capturada e machucada, traziam consigo algumas conclusões: os sofrimentos genuinamente sentidos por ela eram resultado da repetição ou do retorno do recalcado que geravam prazer à pulsão. Porém, o prazer ali manifesto não satisfazia o prazer do outro sistema.

Novamente, era como se fossem *duas Joanas*: João e Ana, Vida e Morte, Prazer e Desprazer. Ela não entendia que forças eram aquelas:

o que será que será? Era a trilha sonora que não parava de tocar. Aos poucos, entendia-se que aqueles atos repetitivos não desejavam nem curar e nem fazê-la penar: porque a pulsão de morte não quer nada a não ser o prazer que surge do mecanismo da repetição por si só. Sessão após sessão, novas estrofes se somavam à canção, como se houvesse uma parte sedenta de letra e de compasso. A pausa, o intervalo, o hiato, a lacuna em que não havia nada além de quantidades absurdas de algo sem significado, mas que existia e se fazia aparecer, ganhava nome e cuidado. Era um caso em que “[...] a pessoa parece vivenciar passivamente uma experiência sobre a qual não tem nenhuma influência, só lhe restando experimentar a repetição da mesma fatalidade.” (FREUD, 1920, p. 147).

Ao observar a vida atual de Joana – e compilando os capítulos escritos a dois a cada sessão – podia-se pensar que o empenho de ligação que a repetição pulsional empreendia era mais semelhante a trilhas abertas pela passagem corriqueira de uma mesma carga que não visava desbravar o destino à liberdade.

A excitação instintual concentrada no órgão busca uma meta cuja finalidade, dentre outras possíveis, é a redução das quantidades que incrementam a tensão e que, por conseguinte, geram desprazer. Eis aí a força inicial e motora que aposta e investe em um objeto, ainda estranho a si, e que tem como alvo suprir as demandas vitais. O contato com o objeto gratificante faz nascer o prazer sexual associado ao desejo. As marcas dessa experiência são dotadas de qualidades e de contornos que impellem à repetição de tais prazeres singulares que, agora, confluem nas pulsões. No caso de Joana, a erotização da sensorialidade, até mesmo pela estimulação precoce decorrente dos sucessivos abusos sexuais, foi hiperdimensionada a ponto de sofrer deformações. Em decorrência disso, Joana não distingue o cuidado de uma atividade predatória.

Em uma espécie de *scat singing* – o canto vocalizado sem palavras ou com sílabas sem sentido, que remonta aos balbucios e aos gorgole-

jos das crianças –, de certo ponto de vista, Joana começou a entrar no ritmo da “canção da sua vida”. Ao se apropriar dela mesma e querer encontrar alguma forma de compreender o que cada “nota” aparenta (ou pode) reapresentar.

Mesmo que ainda não haja uma letra para compor a melodia e assim fazer uma ligação compreensível, parece já haver um som audível, uma possibilidade de arriscar um pé para fora da rota da repetição que há muito a arrebatava. Talvez um improviso jazzístico no concerto das pulsões.

Ao narrar algumas cenas de agora, com uma demonstração tênue de menos descuido para consigo própria, parece ter ocorrido alguma alteração no seu trânsito psíquico, como se desse também para se beneficiar e angariar prazer em outras situações. Durante a sessão, após contar que se negou a entrar no carro do namorado embriagado, depois de uma festa, tendo como destino urgente e veloz um ponto de venda de drogas, em meio à favela onde já fora atingida por um tiro de revólver, apontou para uma das suas inúmeras tatuagens e falou: “Essa aqui eu mesma desenhei e tentei tatuar em mim mesma, dois dias antes de começar a vir aqui. Comecei, mas não consegui ir adiante, pois era muita dor e minha mão tremia demais pra fazer o traçado. Fui buscar ajuda de um tatuador reconhecido, pois o desenho era lindo demais pra ficar torto pelas minhas mãos trêmulas de dor”. Ergueu a manga da camiseta e, deixando a parte interna do antebraço à mostra, seguiu: “É um caminho, olha... No começo, há pingos de sangue, consegues ver? Eu que desenhei cada gotinha. Mas, depois, elas vão se juntando e se transformando em pétalas num jardim de papoulas. É linda, não achas? Colori as flores na semana passada. Ficaram iguaizinhas às flores desse quadro que fica ali na tua parede”.

Nesse dia, com flores coloridas tais quais às do “*Campo de papoulas*”, retratado por Claude Monet, Joana se levantou da poltrona, ao final da sessão, e recolheu sua pequena escultura de lenços usados. Co-

locou-os na bolsa, com cuidado, e disse: “Vou levar os lencinhos hoje, jogá-los no lixo depois”. Deu uma risadinha e complementou: “Ao menos já tô podendo cuidar disso sozinha”.

E, com ares mais soltos, lá se foi a Joana, agora mais conectada consigo mesma, a andar, menos narcotizada pelos tumultos que a saturavam, por entre as “papoulas”. A cada novo passo (e ligação) produzia um revezamento entre o que desaparecia e o que retornava. Um “*fort-da*” diferente. O jogo dela, agora, consistia na transformação das vivências passivas em novas atividades, no sangue em pétalas, nos sons guturais em boa música. Ela já possuía mais respostas para “O que será” da vida.

REFERÊNCIAS

COLASANTI, M. **Rota de colisão**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

FREUD, S. (1901). A psicopatologia da vida cotidiana. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 12-332. (Edição standard brasileira, 6).

FREUD, S. (1920). Além do princípio de prazer. *In*: FREUD, S. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 123-198. (Obras psicológicas de Sigmund Freud, 2).

FREUD, S. (1937). Construções em análise. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 289-304. (Edição standard brasileira, 23).